

Sexualidade e Identidade na
Historiografia Brasileira

Margareth Razo

Depto. de História - IFCH-Unicamp

A preocupação em *inventar o Brasil*, isto é, em descobrir o país, suas supostas raízes históricas, contidas na linha de continuidade dos eventos históricos, unindo presente e passado, encadeando os processos sociais, políticos e culturais marcou o horizonte de muitos historiadores dos anos 20 e 30.¹ Envolvidos com a tarefa de determinar futuros possíveis, de encontrar as formas de superação dos obstáculos ao desenvolvimento social e econômico, perguntaram-se pelos traços que marcavam a cultura brasileira, pelas características essenciais do povo brasileiro, pelo passado que nos havia constituído como tal. *Que país é este?* foi a questão a que procuraram responder em termos das interpretações de nossas origens históricas, da colonização aos dias atuais. *Que país queremos que seja?* Tem sido a pergunta colocada desde então, retomada em sucessivas ocasiões, inclusive agora, na era da globalização, em que se desfazem as antigas referências nacionais.

Se hoje os conceitos de Nação, Estado-nação, consciência nacional envelheceram e são insuficientes para dar conta das múltiplas realidades políticas, naquele instante pareciam extremamente férteis para representar a *comunidade imaginada* e desejada.² Se hoje para a maioria das pessoas, como lembra Eric Hobsbawm, a identificação nacional não exclui outras formas de identificação que constituem o ser social, como a religiosa, a sexual, a ét-

nica, naquele momento significava a possibilidade mesma de encontrar um forte laço comum, a partir do qual as dificuldades sociais poderiam ser problematizadas e possíveis soluções poderiam ser aventadas.³

As reflexões de Pierre Nora a respeito das relações entre memória e história sugerem pensar que as constantes desterritorializações a que somos expostos cotidianamente abalaram tão profundamente o sentimento de pertencimento a um grupo fixo, como a Nação, que necessitamos de outro arsenal conceitual para compreendermos o presente, para nos situarmos no mundo e também para reorganizarmos nosso próprio espaço interno, delimitando a constituição de novas subjetividades fugazes e mutantes, antes quase que totalmente impensáveis. Ninguém mais acredita haver um só Brasil e diante de tanta multiplicidade e expansão territorial, inclusive a desejante, cada vez mais procuramos nos localizar a partir de referências específicas, flexíveis e provisórias.

Para aquela geração, no entanto, as questões colocavam-se de outro modo e fundamentalmente tratava-se

¹ Veja-se a respeito: HERSCHMANN, Micael M.; PEREIRA, Carlos Alberto Messeder, orgs. *A invenção do Brasil moderno. Medicina, educação e engenharia nos anos 20-30*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

² Expressão de: ANDERSON, Benedict. *Imagined communities*. Chapel Hill, 1982.

³ HOBBSAWM, Eric. *Nações e nacionalismo desde 1870*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

Artigos & Ensaaios

de estabilizar, de fixar, de fincar estas e definir nossa suposta identidade cultural, encontrando os pontos fixos, ou a tão prestigiada essência, oculta nas profundezas da terra e da psique. Tratava-se de compreender o passado para transformar o presente: libertar-se de um fardo, romper com as pesadas tradições que emperravam o progresso e entrar no compasso da história. O leque de questões que eles se colocavam tinha por objetivo detectar as raízes do mal, entender os problemas sociais tão violentos e gritantes em nossa sociedade e, principalmente, a incapacidade de nos construirmos como uma Nação moderna, rica e poderosa, a exemplo dos Estados Unidos.

Quase todos esses autores davam especial ênfase à índole pacífica, acomodada, preguiçosa, imitativa do povo brasileiro, retratado no período como Jeca Tatu, entre outras figuras depreciativas, tentando entender de onde havíamos herdado tais traços. Sérgio Buarque de Holanda, por exemplo, se perguntava por que a modernidade não se completava no país, quais eram os entraves à formação da esfera pública moderna no Brasil, tentando perceber as linhas tendenciais de uma possível modernização transformadora, que pudesse nos igualar, ou ao menos, aproximar das fases de desenvolvimento de povos mais adiantados.

São consagrados os trabalhos produzidos nessa época, como *Retrato do Brasil. Ensaio sobre a tristeza brasileira* (1928), de Paulo Prado, recentemente republicado; *Casa-grande e senzala* (1933), de Gilberto Freyre; *Evolução política do Brasil* (1933) e *Formação do Brasil contemporâneo* (1942), de Caio Prado Junior; *Raízes do Brasil* (1936), de Sérgio Buarque de Holanda.⁴ Estes brilhantes estudos, amplamente elogiados e difundidos, formaram inúmeras gerações, moldaram a *consciência nacional*, tomando-

se nossa principal referência acerca de nós mesmos, lentes através das quais passamos a nos olhar e a reconhecer nossa imagem de brasileiros(as).



Paulo Prado, autor de *Retrato do Brasil* (1928), em foto de 1933.



1- José Lins do Rego
2- Octavio Tarquínio de Sousa
3- Paulo Prado
4- José Américo de Almeida
5- Gilberto Freyre

⁴ PRADO, Paulo. *Retrato do Brasil. Ensaio sobre a tristeza brasileira*. 3.ed. São Paulo: [s.l.], 1929. Para uma análise da obra deste autor, veja-se: BERIEL, Carlos. *Paulo Prado: a obra do Tietê*. Tese (Doutorado). FREYRE, Gilberto. *Casa-grande e senzala*. 2.ed. Rio de Janeiro: Schmidt Editor, 1936. HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 2.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994. PRADO JR., Caio. *Evolução política do Brasil e outros estudos*. (1933). 11.ed. São Paulo: Brasiliense, 1979.

Formação do Brasil contemporâneo. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1942.



Gilberto Freyre.

Contudo, hoje, o que mais me chama a atenção nessas obras, principalmente nas duas primeiras é a maneira pela qual é construída uma interpretação da realidade brasileira e, portanto, uma idéia da identidade nacional. É basicamente em torno da *dimensão sexual* que se produz a referência maior das características que explicam o povo brasileiro, sua índole e sua vocação. O desenvolvimento histórico que se observa ao longo de nossa história estaria contido, em germe, nesses traços que se constituíram nos primórdios, nas relações primárias que se estabeleceram na *infância* do Brasil, quando chegaram os primeiros conquistadores e iniciou-se o processo de miscigenação racial, sendo então repostas interminavelmente.

As relações entre a cultura erótica e a ciência parecem ter sido sempre tensas e complicadas, não apenas no Brasil. Aliás, aqui talvez sejam até mais fáceis, se nos compararmos com os países de tradição puritana. O erótico permeia nosso cotidiano, das piadas aos jogos de sedução, das roupas aos comportamentos, nos escritórios ou nos bares. Séria, só mesmo a ciência, que alguém chamou de cinza. Vivemos uma cultura e sociedade extremamen-

te sexualizadas, em todos os sentidos, inclusive no da violência e a imagem da *sexualidade-tropical-do-sul-do-Ecuador* não deixa de ser muito estimulada pela indústria do turismo, na exportação das mulatas sensuais, do samba, do carnaval, do tchan e de tudo aquilo que conhecemos muito bem como o imaginário do Brasil Tropical, onde não há limites, só excessos e onde não se conhece o pecado. Já disse Sérgio Buarque que fomos colonizados por *aventureiros* mais do que por trabalhadores, pelos *semeadores* portugueses, ao contrário dos *ladrihadores* espanhóis, enfim, por figuras que tinham uma *concepção espaçosa do mundo* e que não viam limites nem fronteiras para sua expansão desterritorializante. *Somos uns desterrados em nossa própria terra.*⁵

Por isso mesmo, também chama a atenção o fato de que apenas recentemente passamos a perceber a *centralidade conferida à sexualidade* no discurso dos historiadores, voltados para a interpretação científica da realidade brasileira e para a definição da identidade nacional ou, em outros termos, para a questão do enclausuramento do desejo na casa-grande e senzala. Vale notar que, recentemente, o livro de Paulo Prado foi republicado numa bela edição, recebeu várias páginas nos jornais e revistas da atualidade, mas em nenhum momento se fez qualquer alusão a esta dimensão que irrompe vigorosamente do próprio texto: a sexualidade tropical.

Alguns historiadores, a exemplo de Ronaldo Vainfas, questionaram a imagem desregrada da Colônia, produzida pelos observadores dos primeiros séculos da colonização e reproduzida pelos historiadores, encontrando muitas regras e formas de culpabilização, onde outros viram apenas caos e descompromisso.

⁵ HOLANDA, Sérgio Buarque de. Op. cit., p. 3.

À fornicção tropical não faltaram, pois, normas bem rígidas. (...) Por mais sexualmente intoxicada que tenha sido a Colônia, como quer Gilberto Freyre, os valores da família, mescla da cultura popular e do discurso oficial se fizeram presentes.⁶

Nos limites de nosso texto, não se trata precisamente de decidir sobre a moralidade ou imoralidade historicamente constitutiva do país, mas de destacar a importância que o discurso da sexualidade assume na leitura que fazemos de nossas origens históricas. Como observou o antropólogo norte-americano, Richard Parker, aliás, a noção da sexualidade não está apenas presente na percepção que cada indivíduo faz de sua existência, mas na auto-interpretação de toda a sociedade.⁷

É uma visão que se tornou cada vez mais acentuada em anos recentes nas histórias que os brasileiros escolheram para relatar sobre si próprios, como um povo (p. 23).

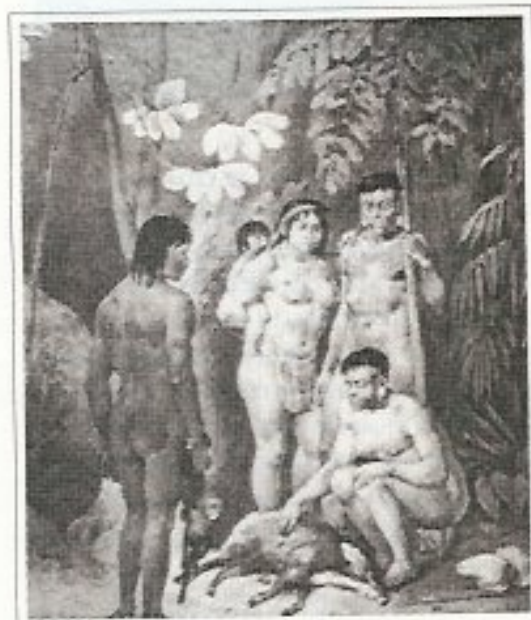
A tristeza brasileira

Neste ensaio inaugural, Prado procura explicar o Brasil, construindo seu mais fiel retrato. Inicia definindo a principal característica do povo brasileiro, comparado ao pássaro jaburu, na epígrafe de Capistrano de Abreu. Logo na primeira página, o autor afirma: *Numa terra radiosa vive um povo triste*. Nas seguintes, Prado explicita o significado da tristeza, que passa progressivamente a denominar, a partir de um vocabulário médico, de melancolia.

⁶ VAINFAS, Ronaldo. *Trópico do pecado. Moral, sexualidade e inquisição no Brasil*. Rio de Janeiro: Campus, 1989. p. 65.

⁷ Vide a respeito: PARKER, Richard. *Corpos, prazeres e paixões. Cultura sexual no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: Best Seller, 1993. p. 22.

Somos, então, informados de que melancolia é o estado físico e psíquico decorrente da hiperestesia sexual. De tantos excessos sexuais e vícios da multiplicação das uniões de pura animalidade, desde o início da colonização no Brasil, tornamo-nos um povo triste, cansado, prostrado. A terra virgem, a mata abundante, os rios caudalosos, a natureza farta, o clima, o *homem livre na solidão*, o encanto da nu-



Família indígena. Botocudos.



Índios na cabana.



dez total das índias, posteriormente as negras sensuais, tudo, na formação histórica do país, contribuiu para que nos tornássemos um povo mole, instintivo e sensual. Dionisiaco em comparação com os americanos apolíneos.

A história do Brasil é o desenvolvimento desordenado dessas obsessões subjugando o espírito e o corpo de suas vítimas. Para o erotismo exagerado contribuíram como cúmplices - já dissemos - três fatores: o clima, a terra, a mulher indígena ou a escrava africana. Na terra virgem tudo incitava ao culto do vício sexual... Desses excessos de vida sensual ficaram traços indelévels no caráter brasileiro. Os fenômenos de esgotamento não se limitam às funções sensoriais e vegetativas; estendem-se até o domínio da inteligência e dos sentimentos. Produzem no organismo perturbações somáticas e psíquicas, acompanhadas de profunda fadiga, que facilmente toma aspectos patológicos, indo do nojo até o ódio (p. 120).

No Brasil, a tristeza sucedeu à intensa vida sexual do colono, desviada para as perversões eróticas, e de um fundo acentuadamente atávico (p. 121).

A hiperestesia sexual que vimos no correr deste ensaio ser traço

peculiar ao desenvolvimento étnico da nossa terra, evitou a segregação do elemento africano, como se deu nos Estados Unidos, dominados pelos preconceitos das antipatias raciais. Aqui a luxúria e o desleixo social aproximaram e reuniram as raças (p. 188).

Este traço original que marca definitivamente a cultura brasileira desde os primórdios da colonização será responsável pela incapacidade atávica de evoluirmos, pela não-realização da modernidade brasileira. Ao contrário dos povos de origem puritana, como os norte-americanos, nos quais o lado racional e administrador é mais forte do que o instintivo, o Brasil não consegue romper com o passado arcaico, pesado, conservador e autoritário, que entrava sua marcha rumo ao progresso.

É interessante lembrar que de 1928 é também a famosa obra de Mário de Andrade, *Macunaíma*, aliás, dedicada a Paulo Prado. O herói, ou anti-herói, é um homem da natureza, como os nossos antigos habitantes, sem nenhum caráter, que se diverte todo o tempo *brincando com as cunhãs* ou meretrizes, que, por sua vez, se divertem e deliram todo o tempo.⁸ Não é à toa que até seu ingresso na civilização, sua entrada na cidade barulhenta de São Paulo, seu contato repentino com as máquinas faz-se através de três lindas e alvas cunhãs, com quem ele passa a noite e para quem paga quatrocentos bangarotes.

A inteligência do herói estava muito perturbada. As cunhãs rindo tinham ensinado pra ele que o sagüi-açu não era sagüim não, chamava elevador e era uma

⁸ ANDRADE, Mário de. *Macunaíma*. O herói sem nenhum caráter. 18.ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1981. p. 32.

máquina. De manhãzinha ensinaram que todos aqueles piados, berros, cuquiadas, sopros, roncões, esturros não eram nada disso não, mas eram cláxons, campainhas, apitos, buzinas e tudo era máquina (p. 32).

Assim, são as prostitutas que fazem a passagem do herói do reino da natureza para a civilização, da terra verdejante para o mundo das máquinas, a mercantilização do sexo sendo a primeira relação capitalista que ele vive. Entre a história e a literatura, portanto, emerge um povo indolente, fraco e fortemente sexualizado, traço que indica seu grau de atraso cultural, o predomínio do lado instintivo sobre o racional, o que o torna, por sua vez, inadequado para construir a modernidade, para tornar-se um cidadão de primeiro mundo.

Mas vale perguntar porque a cultura sexual descrita por Prado seria origem de nossa tristeza e não de nossa alegria, como aparece em Mário? É verdade que Prado é conhecido como membro da elite oligárquica decadente, representante de seu pessimismo em termos da avaliação do país, às vésperas das transformações políticas de 1930. Medo da degeneração da raça, do escurecimento em vez do embranquecimento populacional que tanto queriam, medo do predomínio do instinto sobre a razão, medo de uma *psique racial* que nos predeterminaria ao fracasso. Em seu ensaio, os viajantes do século XIX são invocados para reforçarem esta visão pessimista: para John Luccock, por exemplo, que não ouve gritos no Brasil até 1810, depois da chegada da corte portuguesa, *Todos parecem de língua atada* (p. 127).

A visão pessimista sobre o povo brasileiro, nessa direção, parece assentar na concepção altamente negativa da sexualidade que tem o próprio au-

tor, para além de toda a influência do darwinismo social em sua obra. Afinal, o excesso de energia sexual, a abertura para o outro, a facilidade de contato físico, em princípio, poderiam não ser percebidos como fatores negativos na constituição de um povo. Aliás, ainda está para ser esclarecido por que o desejo sexual deveria ser o principal traço da *psique nacional*, questão que obviamente não incomodou os pensadores do século XIX e meados do XX. Dando visibilidade à questão, Foucault afirma a necessidade de compreender por que a sexualidade se converteu, nas culturas cristãs, no *sismógrafo de nossa subjetividade*. E completa:

*É um fato, um fato misterioso, que dentro desta espiral indefinida da verdade e da realidade, a própria sexualidade se tenha transformado de primeira importância desde os primeiros séculos de nossa era. Cada vez é mais importante. Por que existe uma conexão tão íntima entre sexualidade, subjetividade e obrigação com a verdade?*⁹

Como explicaria Richard Sennett, aluno do filósofo:

Este valor psicológico tão pleno que se dá à sexualidade é um legado da sabedoria vitoriana, apesar do orgulho que possuímos de não partilhar seus preconceitos repressivos. A idéia de possuir uma identidade baseada em nossa própria sexualidade traz uma carga imensa a nossos sentimentos eróticos, uma carga que, para alguém do século XVIII, seria muito difícil de compreender (idem).

Certamente, os historiadores basearam-se em importantes fontes do-

⁹ ABRAHAM, Thomas. *Foucault y la ética*. Buenos Aires: Editorial Biblos, 1988. p. 175.

cumentais para construir suas interpretações históricas de nosso passado, e certamente os viajantes, inquisidores, colonizadores que desvendaram o país, desde o século XVI, além do olhar masculino, traziam toda a bagagem de preconceitos culturais da Europa renascentista, através da qual codificaram as práticas sociais e sexuais, como mostrou Vainfas. Assim, enxergaram nas práticas sexuais dos indígenas todos os vícios que o cristianismo lhes ensinava ver. As índias nuas foram transformadas em *ninfomaníacas* e *devassas*, segundo as classificações das *perversões sexuais* elaboradas pelo médico vienense Richard von Krafft-Ebing, em meados do século XIX. A representação instituiu-se como fato, e, apenas recentemente alguns trabalhos têm desconstruído essas imagens, entre misóginas e racistas, veiculadas pela documentação.¹⁰

Parece-me, além disso, que é o discurso médico não-citado, apenas referido, que constitui a matriz das interpretações científicas de Prado sobre o povo e a raça brasileiros. Ora, sabe-se, desde Foucault, o quanto este discurso, instituidor das referências modernas sobre a sexualidade, é severo, moralista e sexista.¹¹ Para os médicos do século passado, o desejo sexual era visto como força ameaçadora, vulcânica, destrutiva que deveria ser combatida e bem-administrada pelo intelecto. Segundo o Dr. Heredia de Sá, em tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1845:

O homem sequioso do prazer venéreo sente-se atormentado por necessidade imperiosa, irresistível, uma excitação espantosa vivifica seu organismo, um fogo ardente abrasa seus órgãos, as artérias pulsam com excessiva força, os olhos incendeiam-se com brilho sobrenatural, sua face colora, sua respiração se torna

anelante, as partes genitais se intumescem, se congestionam e nelas se experimenta um sentimento de ardor e titilamento. O pensamento não tem mais força, a vontade não domina, todas as faculdades estão concentradas em a idéia fixa; (...).

Ora, nem o índio, nem o negro, nem o *português aventureiro* que para cá vinha possuíam esta capacidade interior de autocontrole, afirmavam os viajantes. Aqui, se encontravam em total abandono, cedendo a todas as tentações e vícios, impulsionados pela forte presença feminina.

Obcecados com a sexualidade, voyeuristas disfarçados, os homens da ciência não paravam de falar da sexualidade desde o século XIX, como apontou Foucault, principalmente para condená-la. Dissecaram o corpo da meretriz, do cafetão, do homossexual, *perverteram o sexo*. Todas as práticas sexuais foram postas sob o signo do discurso científico, explicadas, analisadas, classificadas, contidas e condenadas. Mas todas ganharam ampla visibilidade. Dir-se-ia que a ciência domou o sexo, com medo de ser dominada.¹²

Em relação à prostituição, por exemplo, o Dr. Ferraz de Macedo, por exemplo, classificava as prostitutas que encontrava na cidade do Rio de Janeiro por volta de 1872, na esteira do que diria Lombroso, como *degeneradas natas*, gulosas, preguiçosas, excêntricas, im recuperáveis para a Nação, signos da involução das espécies: sub-raça. Seus

¹⁰ RAMINELLI, Ronald. *Imagens da colonização. A representação do índio de Caminha a Vieira*. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

VAINFAS, Ronaldo. *Op. cit.*

¹¹ FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade. A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1979. v. 1.

¹² Veja-se: RAGO, Margareth. *Prazeres da noite. Prostituição e códigos da sexualidade feminina em S. Paulo (1890-1930)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

pares insistiam na ausência de instinto sexual nas *mulheres castas*, a não ser para fins reprodutivos. Juristas como o Dr. Viveiros de Castro, ao lado dos médicos, enxergavam onanistas, pedófilos, homossexuais, tribades, perversos sexuais em quase todos os cantos da cidade, sobretudo nos bares, restaurantes, teatros e cafés-concertos.

Especialmente importante foi a condenação da masturbação, masculina e feminina, vista como caminho certo para a loucura. Segundo o discurso médico:

*O onanismo reina como senhor entre a mocidade dos colégios e casas de educação. (...) Com a reclusão, a instigação diária e muitas vezes quase contínua da excitação vai, pouco a pouco, embotando as faculdades intelectuais, o seu desenvolvimento orgânico não continua; há mesmo parada do desenvolvimento geral do organismo, enquanto que o dos órgãos solicitados se faz com assustadora precocidade.*¹³

Como procede, então, Paulo Prado para definir a identidade nacional? Seu primeiro passo é nutrir-se do discurso médico para organizar sua percepção da sociedade e construir uma representação da sexualidade dos habitantes do país, incorporando assim, ou então, reforçando seus próprios preconceitos. Todas as *verdades* médicas sobre a sexualidade são reproduzidas pelo historiador. Segundo passo: sobre esta base interpretativa, ele elabora sua leitura da identidade nacional, generalizando para todos os brasileiros(as) uma forte dose de sensualidade, uma sexualidade latente, transbordante, irradiadora para todas as outras dimensões físicas e psíquicas. O terceiro movimento escapa-lhe: é a reprodução e a apropriação destas teses por seus pares.

Assim, o discurso médico sobre o corpo e a sexualidade é apropriado como verdade científica, o que equivale dizer, aceito acriticamente pelos historiadores, servindo de fundamento para construir a interpretação de uma *psique nacional* que, triste ou alegre, passa pela perversão, pelo predomínio do instinto sobre a razão, por tudo aquilo, portanto, que impossibilita a formação do indivíduo racional, cidadão apto a participar da esfera pública e administrar o bem público. Do olhar dos viajantes e inquisidores à historiografia, essas misóginas e fantasiosas representações sobre a *realidade brasileira* foram reproduzidas e repetidas indefinidamente, ensinando-nos de certo modo quem era e o que significaria ser brasileiro.¹⁴

O resultado é a construção de um campo discursivo que, de ordem biológica, reforça a estigmatização do outro visto como desvio, monstruosidade, diferença. Etnocêntrico e xenóforo, percebe o outro biologicamente como raça inferior; falocêntrico, institui o masculino como lugar da verdade e da perfeição. Especialmente forte é esta estigmatização para as mulheres, vistas desde sempre, no Brasil, como preciosos objetos sexuais, como essencialmente sensuais, o que quer dizer, ainda menos racionais do que as *mulheres normais* de formação puritana, como as norte-americanas. Uma linha de continuidade nos une, assim, às índias nuas, prontas para renderem-se ao homem branco, como quer Pra-

¹³ VASCONCELLOS, Carlos Rodrigues de. *Higiene escolar, suas aplicações à cidade do Rio de Janeiro*. (Tese de Doutorado, Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, 1888). In: COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Graal, 1979. p. 191.

¹⁴ Veja-se: SWAIN, Tania Navarro. *Feminino/masculino no Brasil do século XVI: um estudo historiográfico*. Brasília, 1996. (Mimeo.).

do, às negras africanas sensuais e, posteriormente, às imigrantes estrangeiras, sobretudo francesas e polacas, cantadas em prosa e verso. No paraíso tropical, reino da natureza exuberante, só mesmo a sexualidade desvairada poderia ter espaço... O Brasil não teria chances, então?

A alegria brasileira

Será preciso outro famoso autor, Gilberto Freyre, para devolver-nos parcialmente a alegria e notar como a vida sexual no Brasil é positiva, responsável aliás pela *democracia racial*, apesar da propagação das doenças venéreas, principalmente a sífilis. O povo brasileiro origina-se da *miscigenação das três raças* que, no Brasil especialmente, não tiveram maiores problemas para se fundir, pois a atração sexual foi mais forte do que as exigências legais e racionais de união entre os diferentes. Daí uma cultura particular, marcada pela tolerância, pela cordialidade, pela leveza, pelo instinto e pelos jogos corporais. As relações primárias em Freyre se caracterizariam pela intensa atividade sexual:

O ambiente em que começou a vida brasileira foi de quase intoxicação sexual.

O europeu saltava em terra escorregando em índia nua; os próprios padres da Companhia precisavam descer com cuidado, senão atolavam o pé em carne. Muitos clérigos, dos outros, deixaram-se contaminar pela devassidão. As mulheres eram as primeiras a se entregarem aos brancos, as mais ardentes indo esfregar-se nas pernas desses que supunham deuses. Davam-se ao europeu por um pente ou um caco de espelho (p. 60).

A aproximação entre as diferentes raças, segundo ele, decorre de um

forte impulso sexual, especialmente do europeu, pouco vaidoso de suas tradições e incapaz de opor resistências à diferença étnica e do furor uterino das índias:

Foram sexualidades exaltadas as dos dois povos que primeiro se encontraram nesta parte da América: o português e a mulher indígena. Contra a idéia geral de que a lubricidade maior comunicou-a ao brasileiro o africano, parece-nos que foi precisamente este, dos três elementos que se juntaram para formar o Brasil, o mais fracamente sexual, e o mais libidinoso, o português (p. 67).

Assim, inspirando-se em Paulo Prado, Freyre constrói sua argumentação a respeito das origens do povo brasileiro:

Paulo Prado salienta que o "degramento do conquistador europeu" veio encontrar-se em nossas praias com a "sensualidade do índio". Da índia, diria mais precisamente. Das tais cablocas "priápicas", doidas por homem branco (p. 68).

À vantagem da miscigenação correspondeu no Brasil a desvantagem tremenda da sífilização. Começaram juntas, uma a formar o brasileiro - o tipo ideal do homem moderno para os trópicos, europeu com sangue negro ou índio a avivar-lhe a energia; outra a deformá-lo. (...) De todas as influências sociais talvez a sífilis tenha sido, depois da má nutrição, a mais deformadora da plástica e a mais depauperadora da energia econômica do mestiço brasileiro. (...) Costuma dizer-se que a civilização e a sífilização andam juntas: o Brasil, entretanto, parecer ter-se sífilizado antes de se haver civilizado (p. 50).

A escassez de mulheres brancas criou zonas de confraternização

entre vencedores e vencidos, entre senhores e escravos. Sem deixar de ser relações - as dos brancos com as mulheres de cor - de "superiores" com "inferiores" e, no maior número de casos, de senhores desabusados e sádicos com escravas passivas, adoçaram-se, entretanto, com a necessidade experimentada por muitos colonos de constituírem família dentro dessas circunstâncias e sobre esta base. A miscigenação que largamente se praticou aqui corrigiu a distância social que doutro modo se teria conservado enorme entre a casa-grande e a mata tropical; entre a casa-grande e a senzala.

É interessante observar que mesmo um intelectual tão competente como Freyre toma a documentação literalmente, encontrando, aí, a verdade mesma sobre a índole do povo brasileiro, constituída a partir de toda uma tradição de licenciosidade, cujas raízes, por sua vez, teriam vindo das índias e caboclas *príapicas* e de portugueses aventureiros, *garanhões desbragados*. Note-se, ademais, que o adjetivo *príapico*, geralmente utilizado para referir-se aos homens, pois refere-se à ereção impulsiva do membro masculino, é aqui utilizado para referir-se à mulher, numa tirada bastante misógina, diga-se de passagem. Se inicialmente o autor se refere aos indígenas indistintamente, aos poucos seu discurso focaliza com especificidade as índias, que, apresentando também elas uma sexualidade desenfreada, oferecem-se despidoradamente ao conquistador.

Quanto a este, vale notar, a ausência de *consciência de raça* no português cosmopolita e plástico marca nossa formação radicalmente. O português que vem é *predisposto para a colonização híbrida e escravocrata* pela influência africana em seu sangue, pelo sangue um pouco mouro; ele

é marcado pelo ar quente e oleoso da África, que amolece as instituições. A *moura encantada*, envolta em misticismo sexual, imagem deixada pelo contato com os sarracenos para os portugueses, foi projetada aqui nas índias, banhando-se nos rios, *gordas como as moursas e menos ariscas*:

Por qualquer bugiganga ou caco de espelho estavam se entregando, de pernas abertas, aos "carraibas" gulosos de mulher (p. 8).

Retomando Paulo Prado, Freyre afirma:

Atraídos pelas possibilidades de uma vida livre, inteiramente solta, no meio de muita mulher nua, aqui se estabeleceram por gosto ou vontade própria, muitos europeus do tipo que Paulo Prado retrata em traços de um vivo realismo. Garanhões desbragados (p. 21).

A sexualidade adquire, ainda, uma dimensão muito poderosa em sua interpretação histórica do Brasil, na medida em que é fator fundamental na determinação das relações que se estabelecem na esfera pública. O público molda-se por modelos emprestados do mundo privado, segundo ele, e aí as relações primárias são sobretudo marcadas pelo sadomasoquismo. Assim, o modelo de relação sexual sadomasoquista entre senhor e escrava passou para a esfera pública.

Mas esse sadismo de senhor e o correspondente masoquismo de escravo, excedendo a esfera da vida sexual de doméstica, tem-se feito sentir, através da nossa formação, em campo mais largo: social e político. Cremos surpreendê-los em nossa vida política, onde o mandonismo tem sempre encontrado vítimas em quem

exercer-se com requintes às vezes sádicos; certas vezes deixando até nostalgias logo transformadas em cultos cívicos, como do chamado "marechal de ferro" (p. 54).

Ainda assim, e seguindo seu raciocínio, o patriarcado permitiu a estabilidade social, garantiu a coesão social que, de outro modo, estaria perdida:

Em contraste com o nomadismo aventureiro dos bandeirantes, em sua maioria mestiços de brancos com índios, os senhores das casas-grandes representaram na formação brasileira, a tendência mais caracteristicamente portuguesa, isto é, pé-de-boi, no sentido da estabilidade patriarcal. Estabilidade apoiada no açúcar (engenho) e no negro (senzala) (p. XX).

A verdade é que em torno dos senhores de engenho criou-se o tipo de civilização mais estável na América Hispânica e esse tipo de civilização, ilustra-o à arquitetura gorda, horizontal, das casas-grandes (p. XXI).

Nas casas-grandes foi até hoje onde melhor se exprimiu o caráter brasileiro; a nossa continuidade social.

Casa-grande e senzala x modernidade urbana

Sérgio Buarque, em *Raízes do Brasil*, embora não se refira à sexualidade como lugar de constituição e origem da personalidade do homem brasileiro, de certa forma, compromete-se com este imaginário sexual ao desenhar a figura da cordialidade essencial do brasileiro. Apesar de concordarmos plenamente com sua brilhante análise sobre as dificuldades da construção da moderna esfera pública entre nós, apesar de considerarmos extremamente

perspicaz a interpretação histórica que faz do país, não deixa de ser curioso o peso dado à sexualidade para explicar a índole emotiva que caracteriza o *homem cordial*. Embora este tenha ficado mais conhecido por uma suposta passividade e benevolência, é seguramente de maneira muito diferente que aparece na formulação original deste historiador.

Herdeiro dos portugueses personalistas que para cá vieram, o *homem cordial* é o produto de uma pesada tradição marcada pelo personalismo, pelo ruralismo, pelo patriarcalismo e, sobretudo, por uma forma de colonização aleatória, onde importava muito mais atender aos caprichos pessoais do que a um planejamento racional.

É compreensível, assim, que jamais se tenha naturalizado entre gente hispânica a moderna religião do trabalho e o apreço à atividade utilitária. Uma digna ociosidade sempre pareceu mais excelente, e até mais nobilitante, a um bom português, a um bom espanhol, do que a luta insana pelo pão de cada dia, afirma o historiador (p.10).

O *aventureiro* e o *semeador* predominaram sobre o caráter do *trabalhador* e do *ladrilhador*, responsáveis pela colonização espanhola, produzindo uma figura mais emotiva e instintiva que racional, portanto, mais para antimoderna. A mentalidade da casa-grande invadiu as cidades e conquistou as profissões, diz ele, até as mais humildes; o culto da personalidade predominou sobre o fortalecimento dos laços de solidariedade; a ética da aventura sobre a do trabalho; as cidades cresceram à mercê do momentâneo, dado o espírito *livre* e avesso a compromissos dos colonizadores; tudo contribuiu, enfim, para formar uma ética

antimoderna, uma sexualidade permissiva e ao mesmo tempo corrosiva. Nem mesmo orgulho da raça tiveram os portugueses, que se fundiram com os negros e os índios sem problema algum, sem impor nenhuma barreira étnica ou sexual. Os valores morais não se firmaram nunca entre nós. Cidadãos, só mesmo os grandes proprietários de terras no período colonial.

O pater poder incontestado e ilimitado, o predomínio da família e da casa-grande sobre o Estado e a vida pública, a ditadura do campo sobre as cidades, a extensão do poder da esfera privada impediu a formação da esfera pública e do conceito de cidadania, no país.

O quadro familiar torna-se, assim, tão poderoso e exigente, que sua sombra persegue os indivíduos mesmo fora do recinto doméstico. A entidade privada precede sempre, neles, a entidade pública. A nostalgia dessa organização compacta, única e intransferível, onde prevalecem necessariamente as preferências fundamentadas em laços afetivos, não podia deixar de marcar nossa sociedade, nossa vida pública, todas as nossas atividades (p. 50).

Sérgio chama a atenção para as dificuldades de mudar-se a mentalidade criada ao contato de um meio patriarcal, tão oposto às exigências de homens livres e de inclinação cada vez mais igualitária, e para os problemas decorrentes da enorme importância que a estrutura familiar patriarcal obteve em relação ao mundo público: *as relações que se criam na vida doméstica sempre forneceram o modelo obrigatório de qualquer composição social entre nós* (p.104). Daí, firmar-se a *cordialidade brasileira*, uma psique emotiva, o sentimento de que tudo nos é familiar, o desejo de estabelecer intimidade em todos os domínios do rela-

cionamento, nosso maior obstáculo para a modernização.

Richard Sennett pode-nos ser bastante útil para discutir a problemática de nossa incapacidade estrutural frente à constituição da esfera pública moderna.¹⁵ No primeiro mundo, diz aquele autor, o desejo de intimidade se sobrepôs à consciência pública, ou melhor, à crença na coisa pública ao longo de um longo processo iniciado no século XIX. O medo diante do aparecimento das multidões desordenadas das grandes cidades, diante das inúmeras formas da violência urbana levou à busca de refúgio no interior de cada um, dissolvendo toda possibilidade de constituição de fortes redes de solidariedade. O privado foi, nesse contexto, representado como ninho, espaço do aconchego e do calor entre as pessoas, em oposição ao público, percebido como lugar da concorrência dura e da guerra.

No Brasil, o predomínio do privado deu-se de outra forma, mas também dificultou a formação do público. O poder dos fazendeiros em suas grandes propriedades, a confusão da família com o Estado, o não-reconhecimento dos interesses públicos, a repressão dos movimentos sociais que pressionaram pelo reconhecimento dos direitos específicos levaram à cristalização da lógica da casa-grande e senzala, reproduzida nos microcosmos das instituições públicas ou privadas. O espaço público foi percebido e instituído como *quintal de minha casa* pelos dirigentes, chefes, governantes, caracterizando-se pelas relações clientelísticas que permeiam inclusive as formas de sociabilidade nas favelas e em outros meios populares.¹⁶ Além do mais, a vida íntima do brasileiro, liberal e permissiva, afirma o autor, não se torna

¹⁵ SENNETT, Richard. *O declínio do homem público*. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

¹⁶ GAY, Robert. *Popular organization and democracy in Rio de Janeiro: a tale of two favelas*. Philadelphia: Temple University Press, 1994.

bastante coesa para envolver e dominar toda a sua personalidade, integrando-a como peça consciente, no conjunto social. Ele é livre, pois, para se abandonar a todo o repertório de idéias, gestos e formas que encontre em seu caminho, assimilando-os freqüentemente sem maiores dificuldades (p.112).

Se Sérgio Buarque não fundamenta sua construção do caráter brasileiro no campo da sexualidade, a exemplo de Paulo Prado e Gilberto Freyre, que aliás cita e admira, participa de certa forma deste imaginário em busca da identidade nacional dos anos 30, ao enfatizar como principal traço da brasilidade o predomínio do emocional e do instintivo sobre o racional. Afinal, o *homem cordial* é um homem do coração, dos sentimentos e afetos. À flor da pele, exatamente como nos vêem os americanos.

Seria engano supor que essas virtudes (a lhaneza no trato, a hospitalidade, a generosidade) possam significar "boas maneiras", civilidade. São antes de tudo expressões legítimas de um fundo emotivo extremamente rico e transbordante (p.107).

Também aqui somos mais corpo do que alma, mais imediatez do que planejamento, mais *casa-grande e senzala* do que modernidade urbana. A herança rural pesa fortemente impedindo a emergência de novos valores culturais. Por isso, não conseguimos realizar a esfera pública no Brasil, desenvolver laços efetivos de solidariedade e construir uma sociedade democrática e justa. A figura do *homem cordial*, essência do caráter brasileiro, impede a modernização e é um enorme obstáculo ao nosso desenvolvimento. Nas palavras do historiador:

A democracia no Brasil foi sempre um lamentável mal-entendido. Uma aristocracia rural e semifeudal importou-a e tratou de acomodá-la, onde fosse possível, aos seus direitos ou privilégios, os mesmos privilégios que tinham sido, no Velho Mundo, o alvo da luta da burguesia contra os aristocratas (p. 119).

Valeria, ainda, pensar como o *homem cordial* foi apropriado em nossa cultura. Por que passou perversamente para a história como uma figura simpática, contemporizadora e *boazinha*, ao contrário do que queria, aliás, insistia o autor, ao argumentar com Cassiano Ricardo? Valeria observar que o tipo de apropriação que sofreu destituiu-o de tudo aquilo que constitui o ponto forte da análise histórica de Sérgio Buarque. Nesse sentido, a figura do *homem cordial* foi esvaziada do conteúdo profundamente crítico que lhe fizera o autor e aprisionada pela lógica da própria casa-grande e senzala que denunciava. Gilberto Freyre, por exemplo, encontrou-o no mulato sorridente, que ascende social e etnicamente, que sai de sua classe e raça: o *riso abundante* característico de nosso mulato, afirma, não advém da raça, mas de um desenvolvimento ou especialização social, em função das condições de ascensão social que ele teve da vida livre, e não apenas nas senzalas e nos *haréns dos engenhos*; (...).¹⁷ Segundo o sociólogo, o mulato procurou vencer o branco, agradando o povo, os clientes, sorrindo. Seu riso foi um instrumento de ascensão social, tanto na passagem de uma raça para outra quanto na de uma classe para outra, o que se explicaria pela ação do meio cultural sobre o indivíduo. Final-

¹⁷ FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mocambos*. 3.ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, [s.d.]. p. 644. 2º tomo.

mente, ele é identificado ao *homem cordial* por ser *criador de intimidade*, que revelaria um desejo dos mulatos em ascensão de encurtar a distância com os brancos. *No uso brasileiro do diminutivo, uso um tanto dengoso, ninguém excede ao mulato* (p. 646).

O sentido sexual da colonização

Já Caio Prado, em *Formação do Brasil Contemporâneo* (1942), inaugura a tendência marxista de interpretação histórica, apontando para a infraestrutura econômica com lugar de inteligibilidade da história. O historiador inicia o livro com o capítulo sobre o *Povoamento*, em que focaliza a constituição sexual da população, já que a relação sexual permite a miscigenação das raças e o surgimento da população. Ela é, pois, condição de possibilidade de todas as demais dimensões da vida em sociedade, isto é, das relações produtivas abordadas no capítulo sobre a *Vida Material* e nas referentes à *Vida Social*. Nesse sentido, a sexualidade está na base da economia e da sociedade, já que é da fusão sexual produzida pela mistura das raças que nasce o povo brasileiro.

Caio reproduz as teses bastante conservadoras e moralistas de Paulo Prado e Gilberto Freyre, assumindo uma leitura evolucionista de nossa formação histórica, considerada hoje bastante controversa, senão ingênua. Em suas palavras:

A licença dos costumes, que sempre foi a norma do Brasil-colônia, (...) teve ao menos esta contribuição positiva para a formação da nacionalidade brasileira, e graças a ela que foi possível amalgamar e unificar raças tão profundamente diversas, tanto nos seus caracteres étnicos como na posição relativa que ocupa-

vam na organização social da Colônia (p. 93).

Não é, pois, por acaso que o historiador reproduza *ipsis litteris* as teses de Gilberto Freyre, no capítulo *Raças*. Aí, o marxismo dá lugar a um outro tipo de análise: trata-se para ele, ao contrário do autor que reproduz, de falar da superestrutura. Destaco este capítulo, em que Caio explica que o *cruzamento das raças* foi o que mais contribuiu para a absorção do indígena, o que se deu não por providência oficial, mas *agiu para este fim como no caso paralelo e análogo do negro, o impulso fisiológico dos indivíduos de uma raça de instinto sexual tão aguçado como a portuguesa* (p. 98).

Aliás, a mestiçagem, *signo sob o qual se forma a nação brasileira, e que constitui seu traço característico mais profundo e notável, foi a verdadeira solução encontrada pela colonização portuguesa para o problema indígena.*

A mestiçagem brasileira é antes de tudo uma resultante do problema sexual da raça dominante, e por centro o colono branco. Neste cenário em que três raças, uma dominadora e duas dominadas estão em contato, tudo naturalmente se dispõe ao sabor da primeira, no terreno econômico e social, e em consequência, no das relações sexuais também (p. 110). O branco dirige assim a seleção sexual no sentido do branqueamento (p. 111).

A mestiçagem resulta da excepcional capacidade do português em cruzar-se com outras raças (p. 102). Novamente parafraseando Gilberto Freyre, o historiador explica que isso se deve em grande parte pela forma da emigração dos portugueses, que vieram sós. *A falta de mulheres brancas sempre foi um problema de toda colo-*

nização europeia em territórios ultramarinos, (...) (p. 103). Logo, o colono foi forçado a procurar, aí, a satisfação natural de suas necessidades sexuais, para o que não enfrentou grandes dificuldades.

Aliás, particularmente, no caso da Índia, é notória a facilidade com que se entregava, e a indiferença e passividade com que se submetia ao ato sexual. A impetuosidade característica do português e a ausência total de freios morais completam o quadro: as uniões mistas tornaram-se a regra (p. 104).

É interessante observar que, a despeito de toda a concepção de história fundada no materialismo histórico e dialético, utilizada para construir sua interpretação da realidade nacional, o autor incorpore as análises e os preconceitos difundidos pela documentação em que se apóia, seja a que elaboram os viajantes e os colonizadores, seja a que divulgam os historiadores e sociólogos de sua época. E talvez mais interessante ainda, é notar como a própria estruturação do livro acaba por colocar a sexualidade, considerada em uma acepção mais abrangente, no fundamento mesmo de constituição da vida em sociedade, aspecto que o próprio autor chega a comentar. Novamente, a sexualidade é referida como centro de explicação da sociedade e como lugar privilegiado da leitura que produzimos a respeito de nosso passado e de nossa cultura.

Concluindo

Está claro que nos percebemos, em grande parte, através da sexualidade, seja enquanto indivíduos, seja enquanto sociedade, mas também está clara a dificuldade que a ciência teve

em trabalhar a questão, reconhecendo, pelo menos, a centralidade que assume nos discursos científicos. O privilégio do discurso racional sobre outras formas de conhecimento, a dicotomia teoria/prática, o foco exclusivo nas questões estritamente políticas e econômicas, menos do que nas culturais, levaram a que esta discussão ficasse obscurecida. Em reação, mais recentemente, as pressões do feminismo, dos movimentos homossexuais e negro forçam a incorporação de novos olhares e de novos temas, que as teorias pós-modernas e, em especial, as formulações conceituais de Michel Foucault permitem descrever. Opera-se como que uma invasão do feminino na cultura e uma sobreposição da cultura à sociedade: o dionisiaco, o instintivo, o sagrado, o sexual, o corpo passam a ser objeto de discussão e aceitos como importantes dimensões constitutivas das formas da experiência e do conhecimento. Mudamos os temas e os procedimentos de análise; questionamos nosso solo epistemológico e o instrumental conceitual utilizado.

É nesse contexto que a questão da centralidade do discurso sexual na interpretação da identidade nacional e da realidade brasileira pode ser enunciada, forçando uma releitura da historiografia brasileira. Produzida entre as décadas de 20 e 40, esta teve um impacto bastante forte sobre a interpretação do passado, transformando-se em memória oficial, transmitida sucessivamente de geração a geração. Inevavelmente, as formas de compreensão do passado conformam nossa imaginação, definindo uma identidade bastante negativa, pesada herança que acabamos por carregar. Por isso mesmo, é bom que sejam ser desconstruídas, refeitas e, quem sabe, abandonadas.

Artigos & Ensaaios

Referências Bibliográficas

- FREYRE, Gilberto. *Casa-grande e senzala*. 2.ed. Rio de Janeiro: Schmidt Editor, 1936.
- HERSCHMANN, Micael M.; PEREIRA, Carlos Alberto Messeder, orgs. *A invenção do Brasil moderno. Medicina, educação e engenharia nos anos 20-30*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 2.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.
- ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- PARKER, Richard. *Corpos, prazeres e paixões. Cultura sexual no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: Editora Best Seller, 1993.
- PRADO, Paulo. *Retrato do Brasil. Ensaio sobre a tristeza brasileira*. 3.ed. São Paulo: (s.l.), 1929.
- PRADO JR., Caio. *Formação do Brasil contemporâneo*. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1942.
- RAMINELLI, Ronald. *Imagens da colonização. A representação do índio de Caminha a Vieira*. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.
- SKIDMORE, Thomas. *Preto no branco. Raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- SOUZA, Octávio de. *Fantasia de Brasil. As identificações na busca da identidade nacional*. São Paulo: Editora Escuta, 1994.
- VAINFAS, Ronaldo. *Trópico dos pecados. Moral, sexualidade e inquisição no Brasil*. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

Referências das imagens

- Imagens das páginas 60, 61 foram reproduzidas de: MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da cultura brasileira: pontos de partida para uma revisão histórica*. São Paulo: Ática, 1977. Pós-fácio.
- Imagens das páginas 62, 63 foram reproduzidas de: RUGENDAS, Moritz. *Malerische reise in brasilien*. Paris: Engelmann & Cie., 1835.